

Escultura

O trabalho de Pollyanna Freire tem demonstrado uma preocupação com a escultura enquanto campo de experimentação nas diversas possibilidades dos modos de fazer em que a manualidade da execução tem uma particular importância. Não se trata aqui de observar os seus limites formais, seja na reflexão sobre o seu campo expandido ou na relação com determinados autores e práticas da escultura do séc. XX. Porém, trata-se de um vocabulário próprio que expressa relações geométricas entre a escala e a proporção com uma raiz matemática e geométrica muito vincada.

O título da exposição, “Escultura”, não poderia ser mais claro sobre a sua prática artística, e desta forma sobre o seu processo de trabalho, onde a repetição, e por vezes a replicação, de um módulo se reflecte em diferentes soluções que se desdobram numa investigação sistemática sobre um corpo no espaço e a relação deste com outros. As obras de Pollyanna Freire são expostas em conjuntos, como se se tratassem de séries, e de facto são elementos em que encontramos correspondências, mas que são desenvolvidos autonomamente, podendo ainda estabelecer diversas aproximações que nos levam a reconfigurar o espaço da exposição continuamente. As cores com que pinta as esculturas constituem uma paleta que vem seguindo nos seus últimos trabalhos e que, fazendo parte do seu vocabulário, contribui para essa possível associação entre as obras expostas.

Contudo, estas esculturas são de dimensão reduzida, quase à escala da mão, e são expostas no chão da galeria. A sua escala, muito próxima entre todas elas, traduz aparentemente uma condição transitória, como se fossem modelos ou maquetas de estudo pertencentes ao universo mais restrito do *atelier*, destinados à execução de obras com uma escala diversa e bastante ampliada. A questão essencial nesta exposição é que estas obras são peças finalizadas, que vão exigir ao espectador um movimento do corpo para as observar, em contraponto com uma visão panorâmica em que a sala de exposição é em si mesma um acto escultórico que transforma o espaço.

Mas estas peças não estão isentas de referências subtis, aplicadas de forma austera e transmutadas pela cor, que é aplicada a uma determinada forma e não a outra, trabalhando desse modo a luz como se de uma pintura se tratasse. Em algumas obras podemos reconhecer e associar elementos arquitectónicos, noutras uma passagem pelo universo visual do nosso imaginário da escultura do século passado, um vislumbre *Pop* que atravessa os anos sessenta e um pensamento construtivista, para regressar um pouco atrás. Os indícios são muitos, como a grelha minimalista, a forma cúbica ou paralelepípedica, o acabamento manual que se detém perante o virtuosismo formal e uma sensação orgânica, mais presente nas torções e menos evidente, mas também presente, nos encaixes de elementos que se replicam e constroem as formas onde o jogo entre o preenchimento e o vazio traduz a capacidade de trabalhar os volumes como se estes estivessem prontos a ser de novo trabalhados e manipulados como uma acção lúdica que se desenvolve na lógica interna do seu trabalho e que nos envolve enquanto acto escultórico no contexto da exposição.

E o trânsito do corpo por entre as obras que constroem um mapeamento no espaço integra-nos na sala da escultura como se estivéssemos sobre um imenso plano imaginário, mas concreto na permanente transição entre a escala e a proporção.

Janeiro 2017

João Silvério